

AS NOVAS CONFIGURAÇÕES DA FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA E O DISCURSO RELIGIOSO

Noeme de Matos Wirth¹

Resumo: A família contemporânea tem passado por transformações e tem se organizado e reorganizado de novas maneiras, não se limitando ao modelo de família nuclear. Nas novas organizações familiares, os papéis são constantemente reavaliados. A pluralidade de situações cotidianas impede a existência de um padrão dominante de casamento e família. Mesmo que os papéis tenham se flexibilizado, ainda são as mulheres, na maioria das vezes, as principais responsáveis pela administração doméstica e familiar. As novas configurações familiares estão presentes tanto na sociedade como também nas comunidades religiosas. Também nas comunidades religiosas as famílias estão se desfazendo e refazendo. Percebe-se nestas que o modelo idealizado de família é o modelo nuclear, onde os papéis de gênero estão sedimentados, colocando a mulher como subalterna ao homem. O discurso religioso sacraliza esta dominação. A Igreja influencia na casa, regulando os corpos e a sexualidade. A religião já sempre influenciou a família, desde os primórdios da sociedade. Nem sempre o discurso religioso institucional e as práticas eclesiais são compatíveis. Há diversas configurações familiares que querem ser acolhidas pelo e no discurso religioso. Este não pode ser exclusivista, mas precisa ser inclusivo.

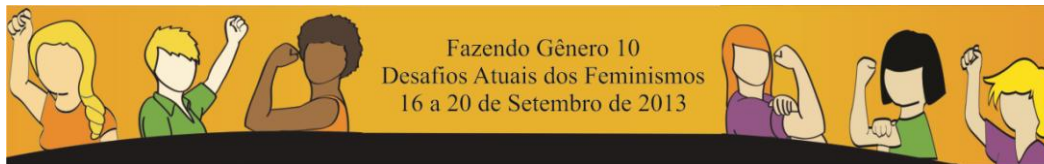
Palavras chave: Configurações. Família Contemporânea. Discurso Religioso.

As novas configurações da família contemporânea

Na contemporaneidade observa-se várias composições familiares constituídas pelos laços da aliança. A consanguinidade deixou de ser condição necessária e obrigatória e cedeu espaço ao afeto em questões de laços e obrigações familiares. Assim, deixou-se de falar em família, mas em famílias, dada a existência de diversas configurações familiares. A família contemporânea passou a conviver com uma pluralidade de outros padrões de casamentos e famílias. A concepção da família nuclear constituída por pai, mãe e filhos a que estávamos habituados não existe mais como modelo único; a sociedade passou por inúmeras transformações e com ela o comportamento dos seus integrantes e da vida familiar.

Segundo Vaitsman "A participação crescente das mulheres nas atividades públicas e a conquista de direitos formais de cidadania não apenas desafiaram a hierarquia sexual moderna, mas atingiram em cheio o coração da família" (VAITSMAN, 1994, p. 32). O fato da mulher estar inserida no mercado de trabalho e não ser dependente financeiramente do homem é outro elemento

¹ Noeme de Matos Wirth, teóloga e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, ambos pela UMESP - Universidade Metodista de São Paulo – SP - Brasil, é orientada pela Professora Dra. Sandra Duarte de Souza, é bolsista da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Integrante do Grupo de Estudos de Gênero de Religião Mandrágora/NETMAL sob a coordenação das Professoras Dra. Sandra Duarte de Souza e Dra. Lieve Troch. CV: <http://lattes.cnpq.br/4268864695973205>. E-mail: noemeklaus@luteranos.com.br



que contribuiu para as novas configurações familiares. A família moderna se estruturou de maneira hierárquica e desigual para a mulher.

"Quando a divisão sexual do trabalho e o individualismo patriarcal são redefinidos e homens e mulheres passam a se ver como iguais, criam-se condições sociais particularmente favoráveis para que este conflito se manifeste, levando a um maior número de separações." (VAITSMAN, 1994, p. 35).

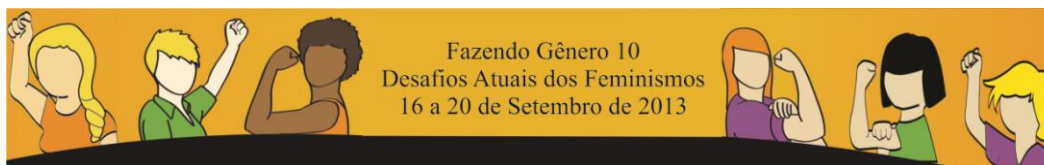
A busca pela individualidade e a livre escolha abriu espaço para o conflito se manifestar. Sarti (2006, p. 43) afirma que "as pessoas querem aprender, ao mesmo tempo, a serem sós e a "serem juntas"" (SARTI, 2006, p. 43). Na família as coisas que antes eram predeterminadas, hoje são objetos de constantes negociações. Homens e mulheres passaram a se ver como iguais e isso não só abriu espaço para o conflito, como também levou muitos casais a se separarem.

A organização da família contemporânea foi construída e desconstruída de acordo com os aspectos sociais, econômicos, políticos e religiosos. As novas relações passaram a conviver, ou não, com os filhos do primeiro relacionamento e com os filhos do cônjuge do segundo casamento. Desses novos relacionamentos surgiram novos filhos que passaram a conviver juntos nessa nova família reconstituída.

Nas novas organizações familiares os papéis são constantemente avaliados e reavaliados, buscando na relação a satisfação de todos. Nesse contexto a figura do pai também se modificou, tornando-se mais afetivo e participativo na educação dos filhos. Antes a figura do pai era temida por sua autoridade e distanciamento dos filhos. A modernidade aproximou ambos, pais e filhos passaram a se relacionar de maneira mais próxima e afetiva, bem diferente da época do Brasil Colonial, onde a figura paterna provocava medo.

A modernização levou as mulheres a estudar e a se prepararem melhor para exercerem atividades especializadas. Na contemporaneidade elas são a maioria nas Universidades e estão ocupando, no mercado de trabalho, profissões antes só ocupadas pelo sexo masculino. Elas estão presentes nas construções civis, nas academias universitárias, na política, nas grandes empresas liderando e comandando.

A maternidade, como escolha, tornou-se uma das grandes conquistas das mulheres que podem deixar a maternidade para mais tarde, depois de consolidar a sua carreira profissional. A contemporaneidade trouxe também a possibilidade de dizer não à maternidade. O censo do IBGE aponta o crescimento de mulheres que têm optado por não ter filhos. "Entre as mulheres que têm no currículo um diploma de ensino superior, pouco mais de um quinto optou por não experimentar a maternidade" (JIMENEZ, 2013, p. 115). A infertilidade foi passível de ser contornada, em muitos casos, mediante as novas tecnologias da reprodução assistida. Isso representou um ganho expressivo



para as mulheres. Essas mudanças representam uma revolução nos costumes dos quais a mulher tem sido protagonista.

As mulheres têm liderado o ranking nos pedidos de divórcio na maioria dos estados brasileiros (180graus, 2012)². A taxa de divórcio, em 2011, atingiu o índice mais alto desde 1984 (IBGE, 2011)³. O crescimento do divórcio por iniciativa das mulheres tem crescido por conta da postura diferente em relação ao casamento. Com a independência financeira e a realização profissional, as mulheres não mais precisam se sujeitar a um relacionamento insatisfatório. A própria desmistificação do casamento eterno, só dissolvido pela morte, tem levado muitas mulheres não somente a romperem, como também a refazerem suas uniões, através de uma nova organização familiar.

Com as relações mais flexíveis têm ocorrido mudanças substanciais no compartilhar da guarda dos filhos. Mesmo que ainda hoje a guarda permaneça, na maioria das vezes, com a mãe, cresce, segundo dados do censo, o número de casais que compartilham a guarda de seus filhos menores (IBGE, 2011)⁴. A guarda compartilhada tornou-se um avanço nas novas organizações familiares. Antigamente essa prerrogativa era quase inexistente, ficando a guarda dos filhos exclusivamente com a mãe. Na contemporaneidade percebe-se uma negociação na educação e nas responsabilidades para com os filhos. Essa mudança aponta para as transformações históricas ocorridas no âmbito familiar, fazendo com que as próprias leis do direito da família adaptassem-se à realidade moderna, desvinculando-se, aos poucos, dos preceitos da religião. A guarda compartilhada, além de ser um avanço nas novas configurações familiares, representa uma conquista para a mulher. Ao compartilhar o cuidado dos filhos sobra mais tempo para que a mulher se dedique a projetos pessoais, profissionais ou ao próprio lazer, tendo um tempo só para si.

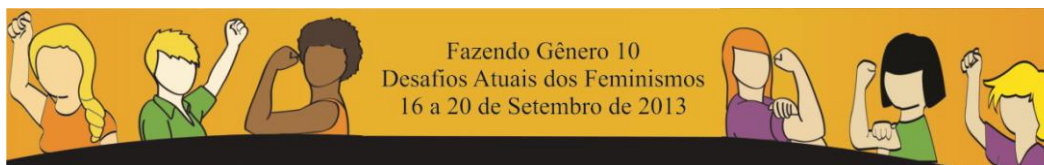
As mudanças possibilitaram novas recomposições e a pluralidade de situações cotidianas impediram um padrão dominante de casamento e família. Mesmo que os papéis tenham se flexibilizado, na maioria das vezes as mulheres permaneceram como as principais responsáveis pela administração da organização doméstica e familiar. Cresceu o número de famílias chefiadas por mulheres. A chefia feminina vem sendo vivenciada em diferentes segmentos sociais.

As mulheres, embora sujeitas às inúmeras restrições, também atuam como sujeitas de suas vidas, resistindo e protagonizando novos modelos familiares. A mulher assumiu vários papéis: mãe, esposa e profissional. Diante desses novos papéis da vida cotidiana, as mulheres tiveram que

2 <http://arpen-sp.jusbrasil.com.br/noticias/2996496/mulheres-lideram-pedidos-de-divorcios-afirma-ibge>. Acessado em 05/05/2013.

3 <http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=2294>. Acessado em 21/03/2013.

4 <http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=2294>. Acessado em 18/05/2013.



inventar novas respostas. As dificuldades financeiras abriram espaços para as redes de solidariedade e resgataram vínculos de parentesco que foram perdidos pela modernidade. No cuidado com os filhos recorre-se às creches, aos vizinhos, às avós ou mesmo contrata-se os serviços de uma babá. Na contemporaneidade observa-se o crescimento das avós que cuidam dos seus netos, enquanto as mães/pais trabalham fora. Com atitudes práticas as famílias vão se articulando e buscando, de forma criativa, melhores condições de assegurar a sobrevivência, proteção e inclusão social.

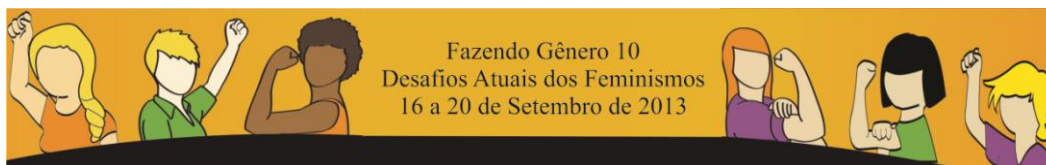
Com o crescimento do número de divórcios no país não dá para pensar que as pessoas que participam de alguma religião estejam imunes ao divórcio. Cada vez mais as pessoas estão buscando a realização e a felicidade. Com a modernidade as pessoas passaram a ter mais coragem de assumir suas escolhas e optar por relacionamentos que lhes tragam mais prazer e realização. Como a infelicidade na vida matrimonial e familiar não escolhe pessoas por causa de sua classe social, etnia e por sua opção religiosa, também nas comunidades religiosas observam-se, cada vez mais, diversas configurações familiares.

A influência da religião na família contemporânea

A religião sempre influenciou a família, impondo regras e determinando o que era certo e o que era errado. Segundo Del Priore (2006) a Igreja Católica, no período Colonial, reservava uma série de sermões educativos para domesticar as mulheres. Ela ainda lembra que livros como *Armas da Castidade* continham uma série de regras com a função de instruir as mulheres para não caírem na tentação do desejo sexual. O tema da família sempre foi objeto de discussão e preocupação da religião. Maria das Dores Campos Machado afirma que

"O Casamento é uma temática central na Igreja Católica, no protestantismo histórico e no pentecostalismo. A Igreja Católica tem nele um dos seus mais importantes sacramentos, e conseguiu com muita pressão retardar a aprovação da lei do divórcio no Brasil até a década de 70. E ainda hoje mantém a discriminação aos que optaram por este caminho. Da mesma forma, tenta interferir no conteúdo das políticas sociais e na legislação brasileira quando a temática é a reprodução ou a sexualidade. Os protestantes, ao contrário, destacam-se por uma posição de respeito às leis civis, procurando se adaptar às mudanças sociais, como a dissolução do contrato matrimonial e o planejamento familiar (MACHADO, 1996, p. 104).

O Protestantismo deu o primeiro passo na aceitação do casamento civil reconhecendo-o como o único válido a partir da Reforma Protestante no início do século XVI. As Igrejas Protestantes trabalharam melhor a questão do divórcio, porém esse conceito não anula a visão que o ideal é a permanência no casamento, e que o divórcio é o último dos recursos. Machado aponta que tanto nas igrejas protestantes como nas igrejas pentecostais existem diversas atividades que visam o fortalecimento do vínculo familiar e torna a religião um espaço de socialização das pessoas. O



casamento, a maternidade e a dedicação à família faz parte do ideal da mulher cristã, segundo a autora.

A religião, como instituição formadora de sentido ao longo da história e na contemporaneidade, continua exercendo influência na família, adestrando e domesticando principalmente os corpos femininos. O papel da mulher, enfatizado pela religião, é de submissão e de inferioridade em relação ao homem. Faz parte da característica da mulher cristã ser boa esposa, ser boa mãe e ser boa dona de casa. Ainda segundo a religião, a mulher tem a tarefa de "edificar a sua casa". Qualquer demanda na família a mulher se sente responsabilizada em buscar ajuda.

O discurso religioso nem sempre tem acompanhado as mudanças experimentadas pela instituição família na contemporaneidade. As famílias estão se desfazendo e refazendo também no contexto religioso. A tradição vem sendo abandonada como em nenhuma época da história, mas ainda percebe-se que o modelo idealizado de família pela religião é o modelo de base nuclear, onde os papéis de gênero estão bem definidos, colocando a figura da mulher como subalterna em relação ao homem.

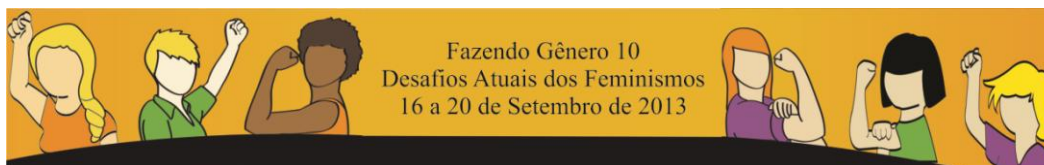
Segundo Souza (2009, p. 32) a construção do sexo masculino foi objetivado para ser o sexo forte, dominador, objetivo e onipotente. Já o sexo feminino foi instituído para ser frágil, dependente, sem poder, subjetivo e dominado. Segundo a autora

as representações sócio-culturais de homens e mulheres, que evocam a desigualdade social baseada na diferença sexual, são sacramentadas pela religião, naturalizando dessa forma a violência de gênero (SOUZA, 2009, p. 60).

Souza (2009, p. 59) continua afirmando que a Igreja tem o poder de influenciar na casa, regulando os corpos e a sexualidade. Ela legitima, muitas vezes, os poderes estabelecidos pela sociedade. Ela atua como poder simbólico nas relações de gênero.

A religião, na maioria das vezes, estabeleceu e delimitou os papéis masculinos e femininos de maneira desigual. "Aos homens coube o mandato divino de exercer autoridade sobre as mulheres e crianças. Deus comanda os homens da mesma maneira que o poder masculino comanda as mulheres e as crianças" (SILVA, 2006, p.19).

Essa dominação foi construída culturalmente na própria educação diferenciada de meninos e meninas. Nossa cultura já sempre moldou o que é ser menino e o que é ser menina através dos contos que colocou a mulher como o sexo frágil e que precisa ser protegida e dominada, enquanto o homem sempre foi visto como o sexo forte e que deve dominar. A religião atuou como poder simbólico nas relações de gênero, servindo tanto para libertar como para reprimir. Segundo Geertz a religião como



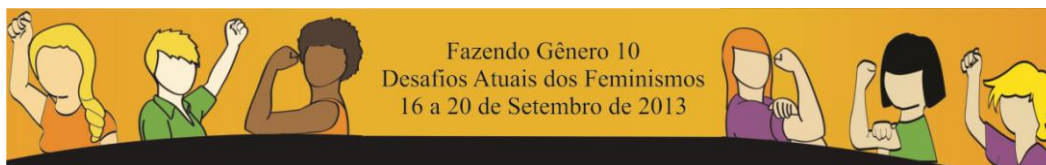
sistema de sentido, atua como legitimadora dos símbolos sagrados e funciona, "para sintetizar o *ethos* de um povo" (GEERTZ, 1989, p. 66).

As mulheres foram domesticadas pelo discurso religioso, pela família e pela escola, por uma ideologia da hierarquização do sexo masculino sobre o feminino. Essa dominação foi inculcada através de gestos e palavras. Muitos líderes religiosos justificaram essa dominação como castigo de Deus pelo pecado da queda, assim como a maternidade foi justificada como forma de redenção da mulher. A palavra autorizada (Bíblia) serviu, muitas vezes, para justificar a dominação do homem sobre a mulher como algo natural, assim como a maternidade foi vista como dom inato a todas as mulheres. Na contemporaneidade as mulheres são menos discriminadas por não exercerem a maternidade, o que não significa que muitas não sejam acusadas de egoístas por essa atitude. A negação da maternidade ainda é vista de maneira estranha, pois a nossa sociedade cultiva a cultura do casamento para procriação. Ideias tão antigas, mas arraigadas em nossa sociedade como verdades absolutas.

Os hábitos são construídos através de regras simples que, constantemente repetidas, passam a ser assimiladas de forma natural como verdades absolutas. É como um ditado popular que diz que "água mole em pedra dura, tanto bate até que fura". Na família os valores foram construídos até mesmo sem palavras, assim como na religião, através das atitudes, dos pequenos gestos que foram moldando as relações diferenciadas entre homens e mulheres. Foucault afirma que

A regra é o prazer calculado da obstinação, é o sangue prometido. Ela permite reativar sem cessar no jogo da dominação; ela põe em cena uma violência meticulosamente repetida. O desejo da paz, a doçura do compromisso, a aceitação tácita da lei (...) (FOUCAULT, (2004, p. 25).

Na contemporaneidade, com as diversas configurações familiares, percebe-se que muitas famílias enfrentaram muitas dificuldades ao passar pelo divórcio no contexto religioso. Alguns foram expulsos de suas Igrejas ao se divorciarem, tiveram dificuldades de batizar os seus filhos, enfrentaram resistências e preconceitos por parte de familiares e até mesmo de membros de sua Igreja. Muitos não receberam apoio pastoral, nem tão pouco da liderança da Igreja. Algumas mulheres sofreram assédio sexual por pessoas de sua própria Igreja ao passarem pelo divórcio, sendo vistas como mulheres fáceis por serem divorciadas; outras se afastaram por conta da vergonha e pela maneira como eram olhadas pelos membros de sua Igreja. Muitas, ao se divorciarem, sentiram-se culpadas por não terem mantido seu casamento. Na contemporaneidade percebe-se que algumas famílias chegam a temer pela salvação dos filhos que passaram pelo divórcio e que reconstituíram a sua vida através uma nova união.



A maioria das religiões adota uma postura conservadora a respeito do divórcio e vê o casamento como uma aliança indissolúvel. O divórcio, para muitas, é uma exceção e é visto como ruptura e resultado do pecado que trouxe a destruição do casamento. Mesmo entre as Igrejas que possuem uma visão mais liberal, os posicionamentos dos líderes religiosos são divergentes em relação ao divórcio. No entanto, apesar do modelo de família instituído pela religião ser o modelo nuclear, cresce o número de famílias reconstituídas através de uma segunda união e percebe-se isto, até com mais intensidade, entre a liderança pastoral no contexto religioso.

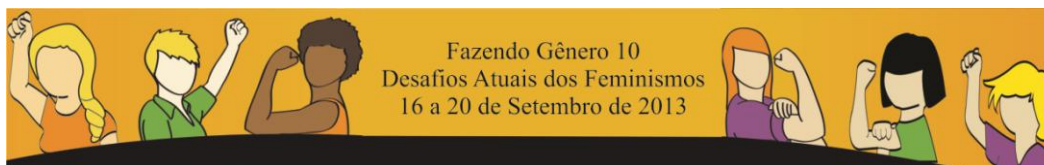
Diante dessas circunstâncias, a religião não pode ignorar essa realidade latente nas igrejas. Entre a realidade vivida e o ideal há uma grande dissonância. Algumas Igrejas Protestantes, que têm assumido um discurso mais liberal, têm-se mostrado mais maleáveis, celebrando em suas Igrejas o casamento de divorciados. Percebe-se certa sincronia entre discurso religioso institucional e prática eclesial, ou seja, o que as Igrejas Protestantes estão afirmando em nível institucional é o que os sujeitos religiosos experimentam nas comunidades de fé. O discurso religioso pode ser muito progressista, outras vezes é extremamente conservador. Porém, nem sempre discurso institucional e práticas eclesiais são coerentes. Ainda é possível perceber que algumas comunidades locais demonstram dificuldades em adequar os discursos religiosos às práticas eclesiais.

Não dá para pensar as novas configurações familiares sem pensar na relação entre religiosidade e gênero. As mudanças ocorridas nos contextos familiares se dão na redefinição dos papéis de gênero e do surgimento de novos arranjos familiares. É através do espaço da família que a religião atua como instituição formadora de sentido.

Segundo Machado (1996) a religião possui uma visão androcêntrica, isto é, do homem ser o cabeça da mulher. Mesmo assim ela constitui um fator agregador da família. Ela representa um ganho para as mulheres. Conforme a autora, o pentecostalismo

serve aos interesses práticos das mulheres, já que por meio dele elas podem 'domesticar seus cônjuges', que uma vez convertidos, abandonam o consumo de bebidas alcoólicas, as visitas às prostitutas e o vício do cigarro, canalizando o dinheiro para a família e suas demandas (MACHADO, 1996, p. 122).

A conversão do cônjuge, segundo Machado, possibilita um "novo *ethos* familiar" (MACHADO, 1996, p. 122). Ela aproxima homem e mulher no sentido de ter uma relação mais igualitária no cuidado da família. Cada grupo e cada movimento religioso possui os seus símbolos sagrados. O ser humano precisa dos símbolos para se manter vivo e para dar explicações às situações vividas no cotidiano. A religião ajuda a enfrentar o caos e ressignificar as situações que o ser humano não dá conta de explicar. A religião faz parte do sagrado e esse é cheio de milagres, ele salta da ordem comum do dia-a-dia e oferece uma explicação para o caos.



A religião cristã oferece uma proposta de valorização do ser humano como indivíduo. Ela oferece sentido num mundo "desencantado" e secularizado. Ela não determina a aceitação da pessoa humana por aquilo que ela tem. A religião cristã traz em seu bojo uma proposta de mensagem inclusiva do ser humano como um todo. Conforme Machado, a participação das mulheres na religião representa em ganho para elas, pois permite às mesmas uma negociação com as estruturas de poder, inclusive na família.

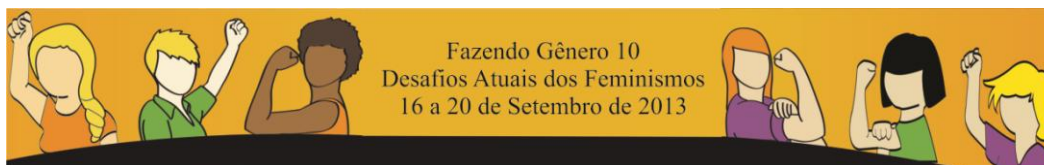
Certeau (2003) nos ajuda a compreender como o cotidiano, com suas táticas e jogos, marcam as relações dos indivíduos entre si e em relação ao outro. Através dos jogos e estratégias, as pessoas simulam e dissimulam e assim demonstram sua resistência ao poder instituído.

Mesmo que haja desigualdade nas relações de poder entre homem e mulher, percebe-se que, na maioria das vezes, este não foi aceito de forma pacífica. Sempre houve resistências a esse poder instituído. As mulheres, muitas vezes, buscaram as brechas no poder instituído usando as táticas e as estratégias como forma de resistência para minar o poder. As táticas foram muitas vezes sutis e silenciosas, mas atuaram como jogo de enfrentamento aos poderes dominantes. Segundo Certeau, "a tática é movimento dentro do campo de visão do inimigo" (CERTEAU, 2003, p. 100). Dentro desse espaço controlado pelo inimigo é preciso aproveitar as ocasiões. Pensar nas relações de poder na família é refletir nas formas de resistências frente a esse poder no cotidiano da vida onde são travados os embates dos indivíduos. A tática, os jogos e as estratégias foram as armas de resistência diante das desigualdades impostas. Segundo Certeau é uma forma de agir contra os poderosos sem confrontá-los.

Considerações finais

A família tradicional passou e continua passando por mudanças de paradigmas. Diante das novas mudanças surgem, obviamente, resistências. Toda mudança gera incertezas e resistências. As novas regras começam nos limites e, acima de tudo, com o rompimento ou não de velhos paradigmas. Há sempre lugar para o novo, para acrescentar o que não estava antes. Diante das novas configurações da família contemporânea a religião não pode adotar princípios de exclusivismo, muito menos de intolerância.

Faz-se necessário, diante dessas novas mudanças, a elaboração de novos conceitos para dar conta das novas indagações que as famílias contemporâneas exigem. É necessário desorganizar para refazer a vida. Há a necessidade de desconstruir para acolher novos conceitos.



A religião tem tendência à arrogância e, a princípio, não é dada à mudança. No entanto, a vida é um processo dinâmico; ela está em constante movimento, por isso o cotidiano dita as mudanças. A religião precisa acompanhar as mudanças na contemporaneidade.

Diante das novas indagações familiares a religião precisa encontrar novas respostas para as novas inquietações surgidas no interior destas novas composições familiares. A mudança não é fácil; é uma luta a ser travada no dia-a-dia, na casa, na Igreja e na sociedade. Romper com essas estruturas de poder torna-se o grande desafio para mulheres e homens que querem viver e conviver de forma igualitária.

Referências

180graus, 2012. **Mulheres lideram pedidos de divórcios, afirma IBGE**. 2012. <http://arpen-sp.jusbrasil.com.br/noticias/2996496/mulheres-lideram-pedidos-de-divorcios-afirma-ibge>. Acesso em 05/05/2013.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**, Petrópolis, 9ª Edição, Editora Vozes, 2003.

DEL PRIORE, Mary. **História do Amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

IBGE. **Pesquisa nacional do IBGE aponta crescimento de 66,9% no número de divórcios em cartórios em 2010**. 2012. <http://arpen-sp.jusbrasil.com.br/noticias/2991709/pesquisa-nacional-do-ibge-aponta-crescimento-de-66-9-no-numero-de-divorcios-em-cartorios-em-2010>. Acesso em 28/12/2012.

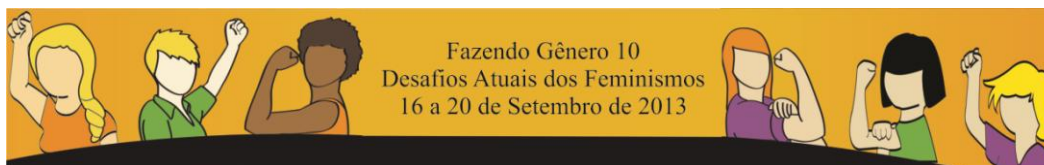
IBGE. Registro Civil 2011: **Taxa de divórcios cresce 45,6% em um ano**. 2011. <http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=2294> Acesso em 28/12/2012.

IPEA. **Aumenta número de mulheres chefes de família**. 2010. http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=6055. Acesso em 05/02/2013.

JIMENEZ, Gabriele. Filhos? Não, Obrigada. As mulheres que dizem não à maternidade fazem parte de uma revolução de costumes que está mudando a cara do Brasil e do mundo. In: **Revista Veja**, Editora Abril, São Paulo, ano 46- nº 22, 29 de maio de 2013, pp. 114-120.

MACHADO, Maria das Dores. **Carismáticos e Pentecostais: Adesão Religiosa na Esfera Familiar**. São Paulo: ANPOCS, 1996.

SARTI, Cyntia A. **Família e individualidade: um problema moderno**. In: A Família Contemporânea em Debate. 7ª edição. São Paulo: Educ/Cortez Editora, 2006, pp. 39-49.



SILVA, Eliane Moura da. **Fundamentalismo Evangélico e questões de Gênero.** In: Gênero e Religião no Brasil. Ensaios Feministas. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista, 2006.

SOUZA, Sandra Duarte & LEMOS, Carolina Teles. **A casa, as mulheres e a Igreja: violência doméstica e Cristianismo,** In: A casa, as mulheres e a Igreja. Relação de Gênero e Religião no contexto familiar. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

VAITSMAN, Jeni. **Flexíveis e Plurais: Identidade, casamento e família em circunstâncias pós-moderna.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

The new Configurations of the Contemporary Family and the Religious Speech

Abstract: The contemporary family has gone through many transformations and it has organized and reorganized itself in new shapes, not only in the model of the nuclear family. In the new family organizations, the roles are constantly re-evaluated. The plurality of the daily situations restrain the existence of a dominant pattern of marriage and family. Even with more flexible roles, the women continue to have, in most of the cases, the main responsibility for the house and the family management. The new family configurations are present both in the society and in the religious communities. In the religious communities too the families decompose and recombine themselves continuously. We are aware that the idealized model of a family is the nuclear model, where the roles of each member are sedimented, putting the woman as subordinate to the man. The religious speech sacralizes this domination. The Church has influence in the house, regulating the bodies and the sexuality. The religion has always influenced the family since the beginning of the society. The institutional religious speech and the ecclesial practices are not always compatible. There are many family configurations that want to be accepted in and by the religious speech. This one shouldn't be exclusive, but inclusive.

Keywords: Configurations. Contemporary Family. Religious Speech.